

Olisipo

O pouso em Lisboa, ainda na madrugada, augura coisas boas logo na chegada. A cidade vista do alto não mostra o típico panorama de arranha-céus espelhados, nem de favelas e periferias abandonadas, como sói acontecer nas grandes cidades do Brasil. Água por toda parte, seja o mar salgado ou o doce rio-mar. Uma grande ponte se avista, quase se perdendo no horizonte, entre o aquém e o além (Tejo). Muito apropriadamente chamada Vasco da Gama. O caminho agora, não aponta as Índias, mas mostra o rumo da modernidade e da integração na União Européia – embora não haja tanta unanimidade (lá pelo menos) sobre as vantagens disso.

No chão, a dupla fila de chegantes à Europa unida também mostra surpresas, tanto já incorporados, como estrangeiros, nós entre eles. Entre os já integrados não é raro ver pessoas negras vestindo trajes típicos d'África, desde homens de batas compridas até mulheres de turbante e belos vestidos florais. Aqui, o passado colonial, sem ser esquecido, mostra uma face mais humana. A sisudez dos bigodudos do outro lado dos guichês da Imigração não deixa de anunciar o que será impressão constante nos dias de estada em Portugal: um modo, se não acolhedor, pelo menos educado, de tratar o brasileiro e o estrangeiro em geral. Claro que há exceções, mas onde não se as vê?

No taxi, belo e refulgente Mercedes *station-wagon*, confirma-se a tal receptividade. Mas ao mesmo tempo é hora de aprender algo sobre a lógica portuguesa de pensamento. Explico. Ao vermos um *out-door* anunciando uma tourada, o motorista fez questão de nos dizer, com certo orgulho até, que em Portugal não se matam os touros ao fim das sessões deste bárbaro “esporte” (digamos assim...). Logo adiante, vimos a *Praça de Toiros* do Campo Pequeno. Insisti, então: “mas não se matam mesmo ou tourinhos? O homem pareceu ofendido ao me cortar, meio ríspido, “mas eu já não lhe disse, meu senhor, que aqui não se mata!”. Conclusão: se algo já foi anunciado, não cabem reiterações, ao contrário do Brasil onde a regra é esticar o assunto... Mas na verdade o ofendido não tinha total razão, pois fiquei sabendo, depois, que se não matam dentro da arena, geralmente sacrificam o animal em seguida, de tão estropiado que o coitado fica.

E vamos por avenidas amplas, bem sinalizadas, edifícios bem cuidados, belas praças e pracinhas, pedestres e motoristas educados, além do que mais impressiona aos brasileiros em geral: zero lixo! E não deixa de ser relevante, também, ver muitos edifícios e monumentos dedicados à cultura lusa, com homenageados os mais variados: Saramago, Camões, Pombal, Antonio Vieira, Sá de Miranda, Eça, Garrett, Infante Dom

Henrique e mais uma infinidade de Pedros e Joões dinásticos. Salazar, não...

Um ônibus de dois andares, destinado ao turismo *sight-seing*, me traz um nome novo, que não me sossega até que descubra seu significado: *Olisipo*, que vem a ser o nome romano da cidade, que deu em Lisabona e depois Lisboa. Os mais eruditos ou pedantes poderão chamar os lisboetas de olisiponenses... Mas afinal, os naturais de Salvador, na Bahia, não são às vezes designados como soteropolitanos? Esteja liberado o pedantismo, então, mas desde que seja com uso controlado.

No almoço, ainda no dia da chegada, mais uma mostra do modo português de pensar, mas dessa vez com mais graça e leveza. Carmen e eu queríamos comer a iguaria tipicamente portuguesa que é a sardinha na brasa. E não a encontramos no cardápio do pequeno restaurante do Rossio. Indagamos ao Garçon: “onde está a sardinha”? E ele, de pronto: “na cozinha, ora pois!”. Mas logo deu uma boa risada e completou a piada: “não é assim que os brasileiros acham que os portugueses pensam”? Havia, sim, a sardinha, que veio acompanhada com batatas (ingrediente constante, na culinária portuguesa) e mais um fresco e amável vinho branco do Douro, ligeiramente frizante. O estômago se ajoelhou e recebeu tal sacramento com devoção!

As lojas da Baixa... Na Praça Dom Pedro IV (que é Primeiro, no Brasil), uma loja de tecidos nos mostra que a rota das Índias continua ativa e pulsante, Carmen, como seu especial gosto por chitas, chitões, alpacas, percais, popelines e quejandos quase endoida. Difícil foi sair de lá com apenas dois ou três panos na sacola. Ao longo da viagem, contudo, a carga de tecidos ainda vai aumentar, e muito. Estamos apenas começando. E a loucura quase chega às raias de ser recomendável a ela uma lobotomia à Egas Muniz, diante das lojas de armarinhos, ali designadas como “Retrosarias” – que belo nome! A vontade de andar e conhecer mais acaba por nos obrigar a sermos mais racionais, sem estacionar em cada estabelecimento por horas inteiras. E fomos em frente...

Em frente, ali na esquina e mais além, a vista e os demais sentidos vão se faltar com as lojas de iguarias portuguesas: azeite, sardinhas, vinhos, aguardentes, bacalhau. Agora sou eu que não quero sair mais... Aprendo que sardinha, aqui, é gênero apenas; não espécie. Se você quer comprar derivados do simpático peixinho tem que especificar. Patê? Pedacos? Filé? Defumado? De qual procedência? Fabricante? Faixa de preço? E as latinhas parecem verdadeiros porta jóias; dá vontade até de colecionar. Satisfaço-me, por ora, com uma garrafa de aguardente vínica São Domingos, anunciada como “Velhíssima” no rótulo, adquirida por módicos 14 Euros, saboreada com extremada unção nos dias posteriores. Não sem antes aprender – para esquecer mais adiante

– da vital diferença existente entre a aguardente vínica e a bagaceira, que até então eu pensava ser a mesma coisa. Na Baixa travamos contato, também, com a deliciosa água mineral portuguesa, em simpáticas garrafinhas, chamada Pedras de Sal e que, aliás, faz perfeitamente jus ao nome.

Uma volta nos arredores nos leva a Alfama, à Mouraria, à Praça do Comércio, ao Arco da rua Augusta. Mas com cuidado para o bondinho não nos atropelar... A Casa dos Bicos, onde fica o Museu Saramago, quase nos paralisa, de puro êxtase. E aquela oliveira anciã, diretamente transplantada da Azinheira natal do escritor – já é um exagero! Quem pode, pode...

Na rua da Alfândega, logo adiante de Saramago e sua oliveira, uma paineira – sim, uma paineira – árvore que julgava endêmica do Brasil colore o ambiente com sua florada quase carmim. Como esta, realmente, eu nunca havia visto por aqui.

É hora de pegar a saída, rumo ao Norte, à Leiria, ao Minho... Aqui, mais uma vez, a gente vê como o Brasil está distante, além mar, além séculos... Estamos nas primeiras horas da manhã, atravessando uma zona de moradias coletivas adensadas e nos indagamos o que é feito daquele famoso tráfego matinal que atazana os paulistanos, os brasilienses, os cariocas e tantos mais por aqui? Simplesmente, o que vemos é que fluxo e contra-fluxo de veículos se equivalem. Será feriado nacional? Não! Isso é apenas rotina na Grande Lisboa, pelo visto agora e confirmado na volta, dias depois, só que ao crepúsculo. É que os carros, quando possuídos pelas famílias, estão nas garagens dos prédios, de onde só sairão, talvez, nos finais de semana ou nas noites de lazer. Aqui tem metrô, ou Metropolitano como dizem, para todo mundo, sem miséria, sem tucanagem, sem restrições. E ele chega até ao Aeroporto!

A viagem está apenas começando. Mas já antecipo o que deve orientá-la em todo percurso. Fala Saramago: “O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já.”

Entre a Cruz e a Espada

Para sair de Lisboa há um dilema a ser resolvido: qual estrada tomar? Sim, porque há sempre mais de uma opção. Em geral, existem grandes

rodovias, padrão “União Europeia”, com largas pistas de rolamento, muito bem conservadas, sinalizadas, limpas e... pagas. Porém, o ideal é ir pelas vias colaterais, nem sempre com acesso bem sinalizado, também de boa qualidade, embora bem mais estreitas. Mas é através delas que se pode encontrar o Portugal profundo, aquele a que talvez ainda “falta cumprir-se”, conforme quis Fernando Pessoa, mas que é mais interessante de se ver e estar.

Mas desta vez saímos pela via indicada pelas placas, após pegarmos o carro alugado no aeroporto, um Peugeot diesel (gasóleo, lá) *up-to-date*. E vamos pelo trecho de pedágio mesmo, padrão *autobahn*, afinal estamos na União Europeia.

É de manhã, hora de as pessoas irem para o trabalho. Seja no fluxo ou no contrafluxo de veículos, tudo tranquilo. Um *comboio* moderno, veloz e colorido, às vezes visto ao longe, nos indica a razão de tanta placidez.

Passada a “mancha urbana” de Lisboa, mancha limpa, humanizada e bem urbanizada, diga-se de passagem, chega-se finalmente a um ambiente mais rural. Não é uma região de vinícolas ou outras plantações, ou mesmo de fazendas de gado. O que domina a paisagem são os enormes “ventiladores” das usinas eólicas, que se contam às centenas, geralmente no alto das colinas. Aqui e ali, capões de eucalipto, mas bem mais modestos do que as imensas e monótonas florestas da mesma espécie que se veem no Brasil.

As usinas eólicas, para os mais puristas, talvez maculem a paisagem. Mas como tais moinhos são novidade para nós, achamos que até acrescentam valor ao cenário, sendo tão enxutos no *design* e suaves em seu movimento. Um Dom Quixote, ressuscitado aqui, ficaria certamente abismado com a dimensão de tais gigantes. A proximidade com o litoral faz com que sua matéria prima, o vento, não falte. Finalmente a ideia de um “armazém de vento” parece fazer sentido, não é dona Dilma?

O que se vê no entorno da autopista é dominado pela contemporaneidade. Nem se pode imaginar que chegaremos, em breve, ao epicentro de uma zona de fortificações, igrejas, mosteiros e aldeias históricas, muitos com mais de mil anos de idade. Presentes até agora como obra humana, além das usinas eólicas, são casas esparsas, convencionalmente modernas e também uma ou outra vila dormitório, com boas casas e prédios de apartamentos, tudo bem decente. Pequenas propriedades, bem cercadas, mostram geralmente pomares com hortas e fruteiras variadas, entre elas videiras, figueiras e outras frutas de clima temperado. Tudo muito bem cuidado, dentro de um traçado, por assim dizer, minimalista. Eis que tudo é minifúndio aqui.

As placas já avisam sobre a chegada a Óbidos, mas parece incrível que uma fortaleza medieval possa se fazer presente dentro de um cenário

tão convencional. Começamos a procurar, à frente, a presença da velha cidade, até que em um morrinho, mais adiante, nos pareceu avistar a linha recortada por seteiras de uma típica muralha. Mais uma curva e a vemos por inteiro, do lado esquerdo, recortada contra um céu azul imaculado. Agora, no alto de um pequeno morro, a muralha mostra-se por inteiro, acompanhando a lombada da colina. Muito mouro e espanhol passando por aqui deve ter pensado duas vezes e relutado antes de enfrentar as alabardas e as balestras lusas...

Chegar a Óbidos numa manhã de primavera não tem preço... A emoção, para nós, foi tanta, que resolvemos adentrar à muralha sem pressa, como quem saboreia a ocasião, passo a passo. Começamos com um brinde de Villa Ruiva, bom vinho alentejano, à sombra da azinheira que ladeia o estacionamento externo. Um bom queijo português da Estrela, com o denso pão que se compra em qualquer padaria, mais uma fatia de bom chouriço (que lá não é feito de sangue, mas sim de carne condimentada), completa o banquete. Melhor do que isso só estar lá dentro. É o que faremos em poucos minutos.

É forçoso não economizar no uso de adjetivos para falar de Óbidos. Ela é esplêndida! Rodeando a muralha por fora, estamos em uma pequena rua de casas modestas, mas muito agradáveis à vista. Residências a partir das quais o que se vê, do outro lado da rua, é tão somente a grande muralha de pedra, nada mais. Passado o pórtico, um recesso com um grande painel de azulejos se apresenta, bem português. E vamos adiante percorrer as vielas de Óbidos, a Anciã, com suas duas ou três ruas longitudinais e diversos becos transversais. E casas bem sólidas, sem deixarem a modéstia de lado, quase sempre com pintura imaculadamente branca e barrados, cantoneiras, portas e janelas em azul ou amarelo. Poucas igrejas, talvez duas, não mais. Para as rezas em favor d'El Rey e contra os mouros e castelhanos já seria o bastante.

As ruazinhas fervilham, pelo menos nesta época do ano. As cabeças louras e ruivas, o porte avantajado das pessoas, já mostram que os que habitam mais ao Norte da Europa adoram isso aqui. Bares, cafês, pequenos restaurantes, em profusão. Lojas de souvenirs dominadas pelos indianos ou orientais, como no resto do país. Ouve-se pouco o português por aqui...

Parar num banco de pedra, em frente a uma das igrejas, para contemplar o conjunto, não importa o ângulo, eis o que importa. Uma dama se aproxima e puxa conversa. Pequenina, com seu xale, aventalzinho de salôia e sacolinha de feira ao braço, vai às compras, certamente. Gosta de saber que somos brasileiros e ao perguntar o nome de minha companheira, cita imediatamente a compatriota Carmen Miranda. Seu nome, perguntamos logo, é Clarinha ou, tentando imitá-la no modo lusitano de falar: *Cl'rinha*. Deseja que tenhamos sorte e a muito amor na vida – se despede com um beijinho.

Uma furtiva lágrima me escapa e nem tento disfarçar. Isso é que é ser bem recebido em terra (nem tanto) *estrangeira*.

Não é possível falar de Óbidos sem incluir suas floradas. Boa época para se estar lá é a primavera. Por todo lado as glicínias, lilases, em diferentes tons, escalando as fachadas brancas. E que perfume suave e ubíquo. E outras, muitas outras plantas florais, também, que me é impossível declinar o nome, por falecer-me conhecimento em botânica. Noto uma especial, hábil na escalada de muros, creio que um tipo de buganvília bem robusta, quase succulenta, ainda sem flor, mas mostrando os botões prestes a romper. Sobre um muro antigo, de pedra, um gato majestático, encimando um pedestal nodoso de glicínias, fita além muralha, dono de si mesmo.

Um banheiro razoavelmente limpo, destinado aos passantes e turistas, nos oferece o conforto necessário para prosseguir a viagem, não sem antes confirmar que aqui o visitante recebe atenção especial, mesmo se apenas em um detalhe como esse. E vamos em frente, rumo a Alcobaça.

Para ir a Alcobaça é preciso certa objetividade, além de uma aposta na sorte, pois os mapas mostram alternativas viárias e turísticas múltiplas no caminho, tais como Caldas da Rainha e Aljubarrota. Vamos passar ao largo das duas, mas sem deixar de saborear a sonoridade luso e árabe de seus nomes. A rota é curta, desta vez, apenas meia centena de quilômetros. Mas desta vez vamos pelo caminho do Portugal profundo, já que o encontramos dessa vez. E ele é um tanto radical, sem grande sinalização e mesmo alguns buracos na pista.

A chegada a Alcobaça já nos mostra algo que se repetirá em outras cidades do trajeto. Você entre por uma via ampla e moderna, atravessa conjuntos habitacionais e casas bem construídas e modernas de classe média, sem se dar conta de onde estaria realmente o que lhe trouxe até aqui. Aqueles mil e mais anos de história, a princípio, parece que repousam apenas dentro de algum museu.

Mas o centro histórico legítimo (e vivo) acaba aparecendo. Em Alcobaça ele surge de repente, depois de uma rele esquina... Uma grande praça, sem jardins, mas apenas um paço de terra batida, árvores gigantescas, caminhos calçados em pedregulhos cúbicos de cores diferentes, bem portugueses. E ladeando tudo isso o grande mosteiro, com sua igreja enorme. Aqui, todo aumentativo é pouco...

Primeiro a Igreja, magna. Lê-se nos guias que ela se filia ao modelo cisterciense de arquitetura, que prima pela sobriedade e austeridade. Sóbria, sem dúvida, mas ser austero não parece ter sido a decisão dominante ao se levantar suas colunas, de mais de trinta metros, em pedra cinza e polida, fechando em ogivas monumentais, para a maior glória de Deus Padre. O modo cisterciense não admite ornamentos, a

não ser o arranjo básico, conferido pela própria pedra. Os autofalantes presos às colunas talvez nem fossem necessários, pois mesmo sem eles, quem estivesse nas últimas fileiras, ao longo dos séculos, poderia ouvir muito bem a homilia. E tais artefatos meio que conspurcam a lógica da sobriedade cisterciense.

Na grande igreja se faz mister conhecer o túmulo de Inês de Castro e seu consorte Pedro, talhado em mármore branco, de tal modo que o cinzel do artista parece ter antes tecido do que cortado a pedra, em verdadeiras filigranas. Melhor seria apreciar com calma, mas certamente alguém por detrás se sentirá incomodado por não poder fazê-lo também, além de querer bater uma foto. Pedro e Inês, com o círculo permanente de visitas curiosas em volta deles, são como a Mona Lisa daqui. Detalhe especial do túmulo, embora um tanto mórbido, são as cenas da punição dos assassinos de Inês, aos quais foi retirada a pele, ainda vivos, como se a desvesti-los dos pés à cabeça.

Uma pausa para se tomar uma mini cerveja Port e degustar uma dose de bagaceira, tendo como tira gosto o pão português com chouriço. A tasca fica bem em frente ao Mosteiro, do outro lado da grande e praça e é o que poderia ser chamada de autêntico *pé sujo*. Suas paredes cobertas de posters de touradas e futebol anunciam ambiente certamente acolhedor, desde que não nos preocupemos com o odor característico que vem da porta dos fundos. Botequim que se preze...

A Igreja é só o começo. Por uma passagem lateral se entra no mosteiro. Aqui, com certeza, a sobriedade não reina e a austeridade, pelo menos no sentido econômico, passou longe. São milhares de metros quadrados de salas, salões, saletas, salinhas, quartos, recessos, alcovas, capelas, oratórios, vestíbulos, jardins, repuxos. E quando a gente pensa que já acabou, tudo começa de novo. É impossível uma descrição minimamente coerente e fidedigna. Só mesmo um Saramago... Mas destaque especial fica com a espetacular cozinha térrea, onde se preparava comida para centenas de glutões, além de um vasto dormitório em arcadas, no andar de cima.

A tal cozinha, também em arcadas, é toda revestida de pedra branca e polida, como se fosse para evitar o acúmulo de gordura. Mas possivelmente o que vemos lá hoje deve ser resultado de uma limpeza em regra, bem mais recente. Aliás, há séculos que talvez não se cozinhe nada ali. O vasto fogão, de chão, encimado por uma cúpula quadrada, de no mínimo quatro metros de lado, converge o calor e a fumaça para uma chaminé, também portentosa. As cubas de pedra, amplas e profundas, para lavar alimentos e vasilhas, são como banheiras. As mesas de preparo, nos cantos, são ladeadas por azulejos de pura cepa. Tudo é exageradamente monumental, ora pois.

O tal dormitório tem o teto em arcadas de pedras justapostas, com a simetria e a perfeição de um traçado por computador, não me surge outra imagem. Escher deve ter se inspirado ali em seus desenhos de construções que se interpenetram. Uma coisa é certa, quem dormia ali deve ter penado com o frio – ou com o calor – dependendo da estação. A pedra nua, afinal, não deve ser muito acolhedora.

O Mosteiro ainda nos oferecerá outra surpresa, que já se fizera ouvir desde a entrada no prédio. Vozes angelicais cantavam música barroca em algum lugar. Logo vimos de onde vinha e quem a produzia: dois cantores, um português e um brasileiro, especialistas no modo *castrati* de cantar ali faziam uma audição, ao tempo que vendiam seu CD para os visitantes. Logo compramos um. O *back* instrumental, embora autêntico, era gravado em computador, mas mesmo assim foi um belo espetáculo. Aquele *Lascia qu'io pianga*, de Haendel foi realmente inesquecível e fechou com chave de ouro nossa passagem por Alcobaça.

Próxima passagem, Batalha. Aqui a cruz cede lugar à espada? Nem tanto... O grande mosteiro foi mandado construir por D. João I, em agradecimento à Virgem, pela vitória lusa na Batalha de Aljubarrota, contra os castelhanos. Foram quase 150 anos de obras, deixadas ao final sem acabar. Estamos em uma cidade simpática e moderna, cuja grande atração foi e continua sendo o Mosteiro e a Igreja correspondente – e nada mais. A construção, mais uma vez, é monumental, para não dizer megalomaniaca. É toda feita em pedra calcária avermelhada, bastante oxidada pelo tempo, o que lhe dá um tom escuro e sombrio. Nada de sobriedade ou de austeridade. É tudo *over*... A igreja é magnífica, com seus pilares de pedra lembrando um pouco os de Alcobaça, mas diferenciando-se de lá pelos adereços barrocos. Os vitrais são de arrepiar, projetando no chão as cores de seus vidros, nos quais os verdes, azuis e vermelhos são especialmente fúlgidos. A maior atração é a “capela imperfeita”, na verdade inacabada, em círculo, com recessos para altares em diferentes estilos de verdadeiros bordados em pedra ou estuque.

Valeu a pena ter passado por aqui, mas Tomar nos espera.

Tomar é mais uma cidade agradável, limpa, rodeada por uma periferia dignamente moderna. A cidade é dominada por um morro e, no alto dele, o impressionante Mosteiro de Cristo. Ao pé dele, o centro histórico, com ruas estreitas e muito bem cuidadas. Tivemos a sorte de nos hospedar em um dos casarões do centro, o Residencial União, em quarto com varanda, da qual pudemos contemplar a rua tranqüila e silenciosa durante a noite, embora de dia fosse repleta de lojas e estabelecimentos diversos.

O Mosteiro merece boas horas de visita. Ele remonta ao século XII erguido pela Ordem dos Templários, ou Ordem de Cristo, com modificações realizadas ao longo dos séculos que se sucederam. O poder da tal Ordem é mostrado não só na igreja como também nos numerosos claustros, com os ricos e *venturosos* floreados manuelinos, cujo maior destaque para uma janela na fachada traseira. Mas tal janela, dita “Manuelina”, o que menos faz é ser janela, pois nela os adereços praticamente vedam a função para a qual teria sido projetada, ou seja, deixar passar luz e ventilação. Mas confesso que o que mais me impressionou em tal construção foi o forno de pão, no andar térreo, uma verdadeira caverna de pedra e tijolos de barro, onde quantidades pantagruélicas de pães e broas devem ter sido preparadas, para o ilustre e sagrado apetite dos cavaleiros templários. Como podem ver, meu interesse por cozinhas e anexos é bem marcante, talvez mais do que por igrejas e janelas...

Vejo nas enciclopédias que o Mosteiro de Cristo representa uma arquitetura que partilha traços românicos, góticos, manuelinos, renascentistas, maneiristas e também barrocos. Que exagero, hein?

Antes que me esqueça: para visitar o grande Mosteiro de Tomar, o melhor caminho é a graciosa estradinha, usada só por pedestres, que nos conduz do vale, onde está a cidade, até o alto do morro. Imperdível.

Antes de tomar o rumo para outras paragens, deixando a gentil cidade de Tomar para trás, algumas considerações sobre esta etapa a que chamo de “Roteiro de Cruz e Espada”, por razões relativamente óbvias.

A primeira impressão, que vai se confirmar ao longo de toda a viagem, é a confirmação da injustiça que se comete historicamente no Brasil, de se considerar Portugal um país pobre e atrasado – e o que pior, habitado por gente pouco inteligente. Temos que pensar duas vezes antes de falar mal de Portugal – e guardar silêncio! Este aqui, acima de tudo, é um país simpático e acolhedor, com a história e a tradição nos espreitando em cada esquina e de cada gelosia. Andar por essas freguesias é receber uma aula permanente sobre a civilização do Ocidente, com muitos de seus percalços, mas com todos os seus acertos. Nunca se deve esquecer que este país gerou um Camões, um Saramago, um Fernando Pessoa, um Eça de Queiroz, um Antonio Vieira (nisso, pelo menos o Brasil é sócio).

Deriva daí um impraticável lugar comum, mas que vale pelo apelo simbólico: todo brasileiro, pelo menos uma vez na vida, deveria vir aqui...

Outro lugar comum seria dizer que em Portugal o turismo é levado a sério. Certamente o é, mas este país tem muito mais a oferecer do que excursões em *sightseing*. Os muitos compridões louros e ruivos bem o

sabem. E tenho certeza que não vêm aqui apenas porque os custos são menores do que no resto da Europa. Também no turismo as lições que Portugal pode oferecer ao Brasil são inumeráveis. Um dia, quem sabe, nosso país não faltará “cumprir-se” em tal quesito.

Mesmo na era salazarista e antes dela, Portugal já possuía uma tradição de arquitetura e urbanismo. Lisboa é cheia de construções impressionantes, que se afastam totalmente do padrão “espelhado” de arranha céus *made in USA* e reproduzido aleatoriamente *all around*. Nessa primeira parte da jornada a manumentalidade moderna não se mostra – e talvez nem esteja presente de fato. Mas em compensação, algumas *finesses* de gestão urbana impressionam muito. Por exemplo, o capricho na revitalização de vias e calçadas nos centros históricos. Aqui se faz tudo com pedras: desenhos diversos e mandalas, com alternância de cores, texturas, formatos etc. Curioso perceber que entre rua e calçada não há mais o popular “meio fio”; elas aqui perfazem praticamente um mesmo plano, sem desnível. Sinal que os motoristas são respeitosos e os mais velhos, com dificuldades de escalar degraus, são respeitados. E as águas de chuva correm sempre para um discreto sulco central, que não interfere com o trânsito nem de pedestres, nem de veículos.

Falta cumprir-se Portugal... Por quê? A tarefa é para historiadores, mas não custa nada arriscar um palpite. Visitar Tomar, Alcobaça e Batalha talvez nos ofereça uma explicação, que pode ser resumida como: o que faziam os povos do Norte da Europa enquanto ibéricos torravam fortunas na construção de mosteiros e igrejas? Weber trouxe a explicação, pelo menos a partir do século XVI, com os protestantes liderando o advento do capitalismo mercantil, enquanto portugueses e espanhóis se empenhavam na Santa Inquisição e na velha promiscuidade entre Igreja e Estado. E deu no que deu...

Dilema para o qual não me arrisco a qualquer explicação é a atual tendência a refugar o espírito unionista europeu vigente em Portugal e Espanha, com a denúncia veemente da “austeridade”, que ali e agora tem outra conotação. Seria possível um bom caminho do meio, entre o Portugal de Salazar e do Império e a modernidade econômica e de proteção social que a União Europeia um dia prometeu às nações que a ela aderiram? Nesta era de xenofobia e *brexit* fica difícil fazer grandes prognósticos. Fica o sonho...

E vamos em frente, rumo ao Norte...

Rumo ao Norte

Visitado o grande epicentro de História que tem como lugar simbólico Aljubarrota – lindo nome! – e onde se situam Óbidos, Alcobaça, Batalha e Tomar, é hora de seguir adiante.

Mas talvez seja mais adequado, enquanto é tempo, corrigir a frase acima, pois que todo este país, embora pequeno, é vasto palco de acontecimentos marcantes, não só de impacto local como, muitas vezes, universal.

Melhor dizer: vamos continuar respirando História, agora em paragens diferentes, mas dessa mesma terra generosa e acolhedora, o antigo Condado Portucalense. E há muito o que ver e sentir por aqui, dado seus diversos e sucessivos ocupantes, ora visigodos, ora mouros, ora espanhóis, depois, finalmente, lusos. Todos eles construindo física e simbolicamente os alicerces desse país singular, ao mesmo tempo moderno e eterno.

O certo agora, para início de conversa, é que a paisagem de fato mudou, com residências e mesmo aldeias, para não dizer cidades, mais esparsas do que na região litorânea, que há dois dias percorremos. O que está presente por toda parte – e isso nos faz lembrar o Brasil – são as florestas de eucalipto, não tão extensas como as nossas (pois nem há lugar para tanto), mas ainda assim onipresentes.

Aqui se confirma o que já se havia percebido nos dias de véspera: a abundância, na estrada, de placas indicativas de sítios, o que torna a viagem curiosa por um lado, mas um tanto confusa, por outro, pois quase nunca é possível saber qual o destino final ou mais relevante da via que estamos trilhando. Pior ainda se tentamos comparar as indicações que as placas nos dão com o GPS do carro – aí não bate nada com nada. E quando se fala em lugares, eles se mostram de todas as qualidades, ou seja, cidades, vilas, freguesias e, até mesmo o que ali se chama simplesmente de “lugar”. Lugar de Almeidas, pode ser um exemplo.

E se a curiosidade se impõe e há sinal de internet disponível (se não uma enciclopédia...) nos é possível saber que em cada um desses sítios pode ter nascido alguém de fama, um Vasco da Gama, um Fernão de Magalhães, um Eça de Queiroz, um Antero de Quental ou até, quem sabe, um Cristiano Ronaldo... Parafraseando De Gaulle, quando falava da França e seus muitos queijos, certamente deve ser tarefa difícil governar um país com tantos e tão variados toponímicos. Da mesma forma, seria exigir demais que os mapas disponíveis – ou a sinalização das estradas – pudesse nos ajudar de forma muito eficaz.

No rumo do Norte português, como já em outras partes percorridas, sempre duas opções se mostram. De uma parte, as estradas vicinais, mais simpáticas e acolhedoras, independente de nos exigir maiores

cuidados dado o trânsito intenso, que inclui automóveis, tratores, carroças e até mesmo ovelhas conduzidas a pé por seus pastores e cães de ajuda, que descobri mais tarde serem sabujos portugueses, raça tipicamente lusitana. Se alguém deseja ir mais rápido ou, por outra, por não ter conseguido encontrar o caminho vicinal (porque este, logo se percebe, tem sua manha, se fazendo, muitas vezes, de difícil...) a solução é pegar as autopistas padrão União Europeia. Mas faça xixi antes, porque você não encontrará nem uma moitinha disponível, em tais estradas, contornadas, a poucos centímetros dos acostamentos, por cercas de aço intransponíveis. Além do mais, talvez o padrão “União Europeia” vigente não recomende, ou mesmo proíba, a custo de multas pesadas, a prática de tal ato fisiológico na beira da via. Mas uma coisa é certa: é raro se encontrar um posto de gasolina ou qualquer tipo de “mijódromo” desses que abundam no Brasil. Aliás, tirando os eucaliptos, a paisagem é um tanto devastada e monótona e nem mesmo moitas, de qualquer porte, você poderá encontrar. Não duvide...

As *auto-bahns* portuguesas se mostram, curiosamente, um tanto escassas no movimento de veículos, o que induz a suspeita de que talvez tenham sido de fato superdimensionadas (como alguém já nos havia chamado a atenção antes). Ou então é a crise econômica do país, fruto da famigerada austeridade, que aqui também se deplora, tomando como referência obrigatória a da Grécia e de outros países da União. O remédio amargo *merkeliano* também parece ter paralisado a economia por aqui. Quem sabe isso não explicaria o fato de se viajar tantos km sem topar um releu caminhão?

De toda forma, quem puder que escolha as vias pequenas, não só porque saem mais em conta – ou de graça, melhor dizendo – e permitem muito mais do que ver a paisagem. Ou seja, ver as casas das pessoas, a cara delas, suas ovelhas e seus cães, seus calhambeques, seus quintais com cerejas, figos, parreiras e tudo mais. Sim, porque as tais auto-estradas fazem verdadeiramente tabula rasa da paisagem, chegando ao ponto de esconder atrás de enormes tapumes os “lugares” humanos atravessados por elas, supostamente a guisa de protegê-los do ruído dos motores. Mas eu diria: o verdadeiro Portugal se mostra é nas estradinhas.

Mas estávamos no caminho do Norte. É bom lembrar que em Portugal se vai do extremo Sul ao extremo Norte, para não falar na travessia do Leste ao Oeste, em distâncias modestas, que no Brasil não chegam nem mesmo ao tamanho de estados como São Paulo ou Minas Gerais. Em tal caminho nosso primeiro destino é Coimbra, o que nos custará no máximo duas horas de viagem, a partir de Batalha. Mas o tamanho do país relativiza isso – a sensação que se tem é de uma grande travessia.

Coimbra do choupal, ainda és capital do amor em Portugal.

Coninbriga dos Romanos. A sensação que a chegada à cidade nos causa

é de certo espanto. Parece que ali as pequenas montanhas que a cercam parecem se abrir em despenhadeiros sucessivos, dando lugar a uma paisagem de morros maciçamente ocupados pela presença humana. Mas tudo muito organizado, como sempre acontece em Portugal. Não aquela ocupação aleatória e desorganizada dos morros, deixando ruas íngremes por onde a água escorre e devasta – isso é no Brasil. A cidade é densa, movimentada, agitada mesmo. O ar poluído pelo tráfego. A vida campestre ficou para trás. Com dificuldade, orientamo-nos mal e mal por ruas estreitas e sinuosas, seguindo o vetor do rio Mondego, apenas atravessado aqui e ali por alguma ponte. O tempo que até ontem esteve fresco hoje se mostra um tanto abafado.

Seguindo as placas, mas não sem antes errar algumas vezes (sempre o excesso de informações) conseguimos escalar a colina que domina o miolo da cidade, no alto da qual está ela, a gloriosa Universidade, onde a “lua é a faculdade e o livro é uma mulher”. Também diz a canção que “só passa quem souber” e penso que no quesito “orientação” fomos redondamente reprovados em Coimbra...

Mas estar lá em cima, apreciando os morros cheios de casas tão arrumadinhas e claras; as ruas íngremes; a curva graciosa do Mondego; a sombra azul a Oeste que pode ser o Atlântico; os prédios com meia dúzia (ou mais) de séculos de idade; pisar em calçadas onde tanta gente importante já passou (até mesmo o Salazar, mas em compensação também o Boaventura ...) – tudo isso terá bem valido a vinda até aqui. Mas não ao ponto de esperar muitas horas para conhecer o fado coimbreiro e as festas estudantis, até porque o calor está demais. Vamos em frente...

Mas como sair deste labirinto? Entrar nele já foi complicado e sair, no lusco fusco da quase noite, se revela pior ainda. A primeira tentativa foi de pousar em Figueira da Foz, poucos km adiante, onde o Mondego se lança ao mar. Mas qual! As muitas cidades, vilas, freguesias e lugares presentes nas placas acabaram nos desorientando, de maneira que, quando nos demos conta, estávamos no rumo de Viseu, em sentido Nordeste, quase exatamente contrário ao que pretendíamos.

Em Viseu, que não tinha entrado em nosso programa, não ficamos mais do que uma noite, o que justifica apenas comentários breves, sob pena de passarem por inverídicos ou pouco sinceros. Mas tomamos ali um bom vinho e comemos uma boa carne, antes de nos recolher a um hotel simpático e econômico, em plena rua principal. O ponto alto, contudo, foi a feira semanal de Viseu, que como quase tudo em Portugal remonta a séculos de tradição, no caso, o dezessete. Nada de muito especial, mas foi adorável trafegar entre aquelas barracas onde se podia encontrar de tudo: de galinhas a ferramentas agrícolas; de roupas *made in China* a azeitonas colhidas ali mesmo; de doces típicos portugueses a *gadgets* eletrônicos; de chouriços a louças de uso diário. Mas, enfim,

o tal Portugal profundo que tanto procurávamos mais uma vez se mostrou. E dele nos lembramos nos dias seguintes, nas “merendas” de beira de estrada que fazíamos habitualmente, ao saborearmos um vinho local associado ao pão português massudo, às azeitonas coloridas e miúdas e ao chouriço, delícias adquiridas na feira de Viseu.

Para não deixar meus leitores na mão, vamos ao que dizem os alfarrábios, no caso a Wikipédia. As origens da cidade de Viseu remontam à época castreja (?), tendo ganhado, com a chamada romanização, grande importância, por se constituir como confluência de estradas romanas. Os nomes de seus arredores são saborosamente lusitanos, vejamos alguns: Reigoso, Oliveira de Frades, Benfeitas, Vouzela, Moselos, Orgens, Alcafache, Mangualde, Abrunhosa– e por aí vai. Cabe lembrar que Viseu alinha-se num eixo que correspondeu à via romana que vinha de Mérida, na Espanha , a Olisipo (Lisboa), a Cale (Vila do Porto Cale, que deu nome ao país) e Bracara (Braga), centros bastante influentes na época. A região é ainda o provável berço do herói Viriato, que viveu entre 181 e 139 a.C. e foi liderança da tribo lusitana, um dos primeiros a enfrentar os romanos na Península Ibérica.

Para completar, Viseu foi possessão visigoda, muçulmana e depois cristã – mas isso, em Portugal, é apenas rotina. Vamos adiante. O Douro nos espera.

De novo na autoestrada vamos nos abstraindo da paisagem – ou melhor, vê-la sem maior aprofundamento. Mas dá para sentir que trafegamos em terras altas (para o padrão português), que declinam suavemente para o Norte. O rio Douro nos espera logo adiante, mas antes de atravessá-lo não custa nada conhecer Lamego, um dos seus portais e entrada.

Aqui em Lamego, mais uma vez, tudo é história. Descubro que é cidade antiquíssima, do tempo românico, tendo sido reconquistada, desta vez dos mouros, para o domínio luso em 1057 (!) por certo fidalgo F. Magno de Leão, cuja importância para a pátria não sei se seria diretamente proporcional ao nome, tão adjetivado. Em Lamego teria sido feita, ainda, a aclamação de D. Afonso Henriques como Rei de Portugal e também ali se estabeleceram as regras definitivas de sucessão monárquica lusa. É uma cidade agradável e limpa, como outras, com maior destaque para sua parte moderna, salvo a graciosa escadaria barroca que dá acesso à grande Catedral no alto da colina que domina a cidade. Para não ficar só no sagrado, ou melhor, buscando associar outro lado ao sagrado, a cidade e região são também conhecidas pela sua gastronomia, nas qual se destacam os presuntos , um cabrito assado com arroz de forno e a produção de vinhos, sejam eles “do Porto” ou um outro, muito especial, espumante, denominado *Raposeiras*, que nos caiu muito bem logo adiante. Em Lamego fomos apresentados à “Bôla”, um pão de milho e

trigo entremeado com chouriços. Delícia! Quem nos ofereceu foi um grupo de senhoras e senhores sessentões que faziam, junto à Sé, um piquenique, vindos todos em um ônibus de sua cidade de Tarouca, nos arredores. E junto a nós cantaram e dançaram o “vira” com grande alegria – nossa também!

Ah, o Douro está próximo. Mas este merece um capítulo a parte...

No Douro

O rio Douro não tem, possivelmente, nada a ver com ouro. Este, os portugueses vieram buscar no Brasil. Ele nasce na Espanha, com o nome de *Duero*, palavra que não tem outro significado em castelhano a não ser o de nomeá-lo. Dos altos picos da Serra de Urbión, a mais de dois mil metros de altitude, ele rola através do norte de Portugal para buscar o Oceano Atlântico. São quase 1000 km de percurso fluvial, entre as montanhas e o mar português. Tal encontro se dá próximo à cidade do Porto, mais exatamente entre Vila Nova de Gaia e Matosinhos.

De onde viria seu nome? Há versões que seja do Celta (um povo que andou por ali), língua na qual *dur* significa água. Mas dar o nome a um rio a partir de seu próprio e obrigatório elemento, realmente parece estranho. Há também quem defenda que venha de *duris*, do latim, que significa nada mais do que “duro”, numa alusão às altas e pedregosas escarpas que lhe marcam a paisagem em alguns trechos. O nome não importa, o Douro é mais do que tudo isso.

E tem mais: seu forte declive, com curvas apertadas, rochas salientes, correnteza violenta, com “rápidos” e “saltos” repetidos deram a este rio a fama de indomável. Mas a modernidade quis diferente: ele hoje se compõe como uma verdadeira escadaria de represas de geração de energia ou de fornecimento de água para irrigação e consumo.

A natureza pedregosa que cerca o Douro já fornece o elemento principal para a obra humana que o rodeia em toda parte: os caprichosos terraços de pedra, incontáveis, que se erguem desde a margem do rio até os planaltos, servindo não só para abrigar as videiras, mas também facilitar o trato com a terra, oferecer caminhos, reter a água das chuvas. Esta parece ser a verdadeira marca registrada da região, mesmo fora do curso exato do grande rio. E de longe se vê, sob a forma de trilhas horizontais e paralelas, quase contínuas.

A UNESCO, que certamente não entende de vinhos, mas sim de cultura, escolheu a região do Douro, dita *vinhateira*, como Patrimônio da Humanidade, na categoria de paisagem cultural. E as videiras estão realmente em toda parte. Mas desde logo chamam atenção pela sua distribuição por assim dizer minimalista, sempre em pequenas divisões,

alternadas com casas, casinhas, edículas, barracões, igrejas, armazéns e, às vezes, verdadeiros palácios, que um dia serviram de moradia a famílias abastadas, que viveram do negócio vinhateiro.

De fato, o que se vê é uma distribuição muito harmônica entre a obra humana em tijolo e pedra, a cultura da uva e de algumas frutas, além da paisagem magnífica. Acessar o Douro, a partir de Lamego, por exemplo, é caminhar por um longo e quase sempre suave plano inclinado, onde as curvas da estreita estrada mostram uma surpresa a cada volta. Sempre as videiras, os terraços, as casas brancas, mas sempre, também, a beleza que ali se instalou há séculos e se recusa a sair, pois tem quem a conserve e aprecie.

Aqui, a profusão de “lugares”, no sentido português, é estonteante. Há para todos os gostos, seja com o nome de famílias, de pessoas, de árvores e, principalmente, de coisas ou qualidades que nem suspeitamos o que seja, guardadas que estão pelos mistérios de uma língua que é também nossa, mas que às vezes parece misteriosa. *Albufeira, Almeirim, Alcobaça, Alcácer, Aljubarrota, Aveiro* são apenas alguns exemplos, provavelmente de origem moura, para ficarmos somente na letra “A”.

E de curva em curva chegamos às margens, para se ver as águas do Douro de perto, sem tocá-las, contudo, pois o modo “encaixado” do rio o coloca sempre uma dezena de metros abaixo da ponte que lhe é mais chegada. Ela é verde, quase acinzentado, mas de bom e limpo aspecto em toda parte. Nada de lixo e entulho no rio, que aqui é respeitado.

Com pouco estamos em Peso da Régua (Portugal e seus nomes estranhos...). A cidade é apenas vista do outro lado do rio, mas vale, se não uma parada, pelo menos uma menção, pelo nome e pela sua importância vinhateira e turística. Há um *comboio* regular que circula entre esta cidade e o Porto, sempre margeando o rio, viagem de sonhos que um dia hei de fazer. A parada, ou melhor, a menção a Peso da Régua pode ser breve, com todo respeito. O que há de distinto ali, de fato, é a paisagem do Douro, com as casas brancas encarapitadas nos morros, as vinhas, os terraços de pedra, tendo o Grande Rio como eixo. Há também os armazéns de vinho do porto, com suas *trademarks* gritando nas paredes: *Burmester, Dow's, Graham's*. Mas isso, sinceramente, para mim é o que importa menos. Vinho do Porto (que nem sempre é do Porto, como nos exemplos presentes) é coisa para inglês ver (e beber). Com tanto vinho bom no Douro e em todo Portugal é incrível que haja quem beba tal xarope, que sabe a Biotônico Fontoura...

O Douro tem substância para fechar, em si, toda uma narrativa. Se mais não escrevo é porque me falece o talento...

Mas esta parte da jornada ainda nos reservou duas surpresas, uma apenas interessante e outra realmente bela, belíssima.

A primeira fica a uns quarenta km da margem do rio, já no planalto, ou melhor, em um vale convergente. Atende pelo nome de Marco de Canavezes e é uma cidade igual a muitas outras do caminho, nem grande nem pequena, nem feia nem bonita – mas certamente asseada. Seu atrativo principal? Nenhum outro de maior relevância a não ser este: aqui nasceu a “nossa” Carmen Miranda. Tem até estátua dela na praça. Está de bom tamanho, não?

Seguindo adiante, ainda aproveitando o dia claro, ao longo do vale do mesmo rio que banha Canavezes, o Tâmega, vamos encontrar a bela surpresa referida acima, que, aliás, nem fazia parte do plano original da viagem: Amarante. Aproveite-se a boa lição: nunca desprezar o que não está programado; às vezes o melhor vem exatamente daí...

Amarante tem como padroeiro alguém muito conhecido e imitando, toponimicamente pelo menos, no Brasil: São Gonçalo. Aqui ele é padroeiro dos casamentos e cumpre aos enamorados vir fazer seus votos nesta cidade. Ela não é grande, fica à margem do rio Tâmega, tem uma parte moderna e outra antiga. Até aí, tudo igual a boa parte dos lugares por onde passamos. Mas Amarante oferece mais...

Há uma rua estreita e sinuosa que acompanha o Rio, uma igreja na entrada, outra na saída. Quando a ruazinha corta o rio um primeiro impacto é oferecido pela delicada e elegante ponte de pedra, em arco, que atravessa o Tâmega. Nela a História marca presença. Aqui, os amarantenses (amarantinos?) contam, com muita honra, que as tropas de Napoleão esbarraram e foram impedidas de chegar a Lisboa. E isso lhes custou caro, pois não só a ponte como boa parte da antiga vila foram depredadas e saqueadas pelos selvagens gauleses.

O Rio Tâmega, por si só, é personagem. Limpo como só aqui se vê. Margens rodeadas por relva aparentemente natural, com chorões, oliveiras, carvalhos e choupos aqui e ali. Patinhos em fila, nas margens e na água. É pequeno para navegação, salvo de uma ou outra canoa, romântica apenas. Lixo? Nenhum!

Ao chegar à ponte de pedra já citada, avista-se a cidadela medieval verdadeira, dominada pela Igreja de São Gonçalo e outras construções religiosas, um grande mosteiro, por exemplo. Quem acha que já viu tudo na região “cis” vai se admirar mais ainda na parte “trans”. Ao redor e nos fundos do templo e do mosteiro se abre uma teia de ruelas, altamente curvilíneas, com passagens de travessas pouco maiores do que um corpo. Casarões graves, gelosias que escondem segredos, portas que já não se abrem. E tudo em tom cinza, de pedra. Mas quando se chega na pracinha próxima as azaleias oferecem cor ao cinzento

dominante. Afinal, estamos na Primavera e as glicínias também se fazem presentes.

No final da noite, um caldo quente de “grão” (de bico), um prato de massa, acompanhado de um vinho da casa, sem marca (aqui se dispensa tal predicado) completa o dia.

Este é um lugar pra se voltar muitas vezes.

Do Douro, aliás, do “Douro”, falou o poeta Miguel Torga muito melhor do que eu sou capaz.

“O Douro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso da natureza. Socalcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor, pintor ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis da visão. Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta.” - Miguel Torga in “Diário XII”

Uma ponte no fim do Mundo

Vimos Amarante / seguimos adiante. A ocasião pede muito mais do que um esboço de trova, mas, vá lá...

A próxima parada é Guimarães, mais ao norte. Aqui nasceu Portugal, dizem os guias turísticos. Mas este país parece ter nascido em tantos lugares... Talvez nem tenha nascido em nenhum deles; pode ter vindo de muitos lugares ao mesmo tempo, ou mesmo de muito antes, ou até muito além das histórias registradas e contadas.

Estamos em pleno Minho, ou melhor, no que foi, um dia, a vasta província minhota, agora subdividida. O rio Minho está mais ao norte, fazendo fronteira com a Espanha e de outra vez espero conhecê-lo.

A cidade de Guimarães não é grande, pelo menos em suas dimensões físicas, pouco passando dos cinquenta mil habitantes. Sua grandeza vem da história, Patrimônio Cultural da Humanidade e Capital Europeia da Cultura que é. Era ela a Vimaranes asturiana e galega do século IX, ainda no tempo do antigo Condado Portucalense.

A cidade antecede e prepara a fundação de Portugal . Já em 1118 aqui transcorreram alguns dos principais acontecimentos que levariam à independência e ao nascimento da nova Nação, donde o orgulho local,

registrado em pedra: *Aqui nasceu Portugal*. O varejo da história também é contado e recontado com minúcias. Após a reconquista do território das mãos galegas, ainda no remoto século nove, pelo fidalgo Vimana Peres (que está na origem do nome da cidade), vem a excelentíssima senhora Condessa Mumadona Dias, cem anos depois, mandar erigir um mosteiro (tinha que ter um mosteiro, claro, afinal estamos em Portugal) e também uma fortificação (idem). Assim se criou a atual Guimarães.

Assim, a dita “Cidade Berço Lusitana” foi transformada em centro administrativo do velho Condado Portucalense, pontificando aqui as figuras de D. Henrique e seu filho D. Afonso Henriques, os verdadeiros Pais da Pátria portugueses. Um pouco mais tarde a cidade perde sua posição para Coimbra, muito antes de Lisboa subir ao cenário.

Guimarães é, acima de tudo, uma cidade agradável. Não é preciso falar de seu cinturão moderno, semelhante a outros que vimos por aqui, mas o centro histórico é digno de uma estada prolongada. Ruas curvas e confluentes, prédios de diversas eras, igrejas para todos os santos – aparentemente tudo igual a outras paragens deste país. Mas é tudo muito lindo e limpo. O que se vê nas ruas chama atenção, se não pelas livrarias, museus e igrejas, também pelos simpáticos restaurantes e cafês que abundam nas vielas estreitas.

Na Tasca Nicolino, cujo envolvente proprietário (ou gerente...) fica à porta com seu sorriso acolhedor, um versinho nos diz bem do clima da cidade: *Quem deita tacão em bota / vende vinho ou bacalhau / meter o nariz não pode / na função de Nicolau*. Ou, na nossa versão tropical: *cada macaco no seu galho*; ou na hispânica: *pastelero a sus pasteles...* O verso remete a uma festa estudantil tradicional na cidade, na qual o tal de Nicolau parece ter sido um sujeito respeitado. Pena que já havíamos almoçado e não pudemos provar o vinho o e bacalhau do Nicolino.

Guimarães nos ofereceu uma aventura (à falta de outro nome) curiosa. Tomamos hotel, de nome D. João de Avis, bem no centro histórico da cidade, mas não deixamos o carro à porta. Voltamos mais tarde para buscá-lo, pois a rua que não dava mão em direção ao estabelecimento. Aparentemente era caso apenas de se dar uma volta ao quarteirão, mas acontece que tal conceito, em cidade medieval, é muito relativo. Em suma, depois de mais de vinte ou trinta minutos de volteios intermináveis, indo mesmo até um ponto onde a cidade era vista do alto (e de longe), chegamos à conclusão que estávamos perdidos. E o GPS do carro não nos adiantava muito, eis que estava programado em alguma língua eslava, na qual nem o nome da cidade nos era possível saber se era o daquela em que nos encontrávamos. Mais meia hora de cabeçadas e alguma ansiedade por parte de alguém não queria se admitir como perdido (este que escreve), logamos alcançar o D. João de Avis.

O problema de se andar nas cidades e estradas de Portugal, como já disse antes, não é a falta de informação, talvez, mas seu excesso...

Mas a noite se encerrou em grande estilo, com umas bochechas de porco assadas com batatas, além de (mais) um bom vinho da casa, no pequeno restaurante de gentil proprietária e *hostess*, em estilo francês, que ficava bem defronte ao nosso Hotel.

E vamos a Braga. Este é lugar antigo também, mas entrou na história como berço do salazarismo e do conservadorismo religioso. Pobre cidade...

É bela a Bracara Augusta dos romanos, com certeza, donde o seu gentílico *bracarense*. A cidade é politicamente e demograficamente mais importante do que Guimarães, com mais de cem mil habitantes e seu status cidade sede regional. Aqui predomina uma arquitetura mais cinzenta do que a de Guimarães, embora não possa garantir que nosso olhar para ela não tenha sido, ele próprio, um tanto *cinzento*... Aqui se revezaram romanos, galegos, suevos, árabes e sabe-se lá quem mais, antes de tomarem posse os lusos. Na era romana foi considerada uma das cidades mais importantes do Império.

Em Braga, um acontecimento *cinzento*, foi a reação destemperada de um vendeiro que implicou com Carmen, que tomava umas fotos de uma bela vitrina de quitanda, na qual favas, amêndoas e outros grãos era arrançados de forma artisticamente geométrica. Era *pra ver, pra comprar e pra comer*, mas certamente não para fotografar. Mandamos o sujeito às favas e seguimos em frente. Vejam a foto.

Próxima parada: Ponte de Lima.

Agora se vai pelo caminho certo: a estrada vicinal, aquela, do *Portugal Profundo*... Faz frio e chove, mas longe de impedir, isso parece favorecer um contato mais próximo com as pessoas. Aqui uma carroça; mais adiante ovelhas; um ou outro cavaleiro; crianças jogando bola na beira da estrada; colegiais na volta das aulas e as eternas senhoras de xale e aventalzinho. Paisagem minimalista, casas simples, *portuguesas, com certeza*, com suas videiras, macieiras e outras frutíferas. Hortas, também – afinal a couve é ingrediente imprescindível do caldo verde português. Uma igreja ou outra, comércio discreto e organizado, sem aquelas placas enormes que emolduram os botecos e armazéns por aqui; portas de *reparos de autos* também. De vez em quando, cruzar por baixo a autopista de alta velocidade nos devolve a certeza de estarmos no melhor caminho.

Ponte de Lima... Imaginemos, primeiro, como disse Caetano Veloso, *um sonho feliz de cidade*. Ruas estreitas, calçadas quase artísticas, fachadas nobres em geral, embora mesmo quando simplórias, nunca deixem de estar enfeitadas com jardineiras e vasos, sempre na cor

vermelha, com seus gerânios e avencas. Afastamos um pouco e logo alcançamos um gracioso caminho cercado de muros de pedra, que vai dar a uma Igreja barroca e, mais adiante, em outra freguesia. É o verdadeiro Caminho de Santiago, com tudo que ele dá direito. As fachadas brancas, as janelas com molduras de pedra e folhas de madeira pintadas de azul ou amarelo. Telhados onde o tempo pôs e continua pondo sua pátina. Voltando ao pé da colina, o Rio; mas este não será um curso d'água qualquer, como veremos a seguir. Do outro lado do rio, outra vila, menor, mas igualmente acolhedora, atendendo pelo gracioso nome de Arcozelo. Ao longo da margem *de cá* a alameda de choupos, podados todos à mesma altura, simetricamente, se mostrando como candelabros encimados por folhagem verde. No caminho, antigas mansões e prédios públicos e religiosos. O perfume das glicínias em toda parte é de embriagar e aqui elas se apresentam em variados tons de lilás. Nos jardins de uma pequena ermida o horto de plantas medicinais e especiarias mas completo que poderíamos ter encontrado. Eis a gentil vila de Ponte de Lima...

Aqui tem história também, claro. Reza a lenda que o rio que ao mesmo tempo nos cerca e abre caminhos, dito *Rio Lima*, foi durante algum tempo o limite do alcance do Império Romano, já há mais de dois mil anos. E não é que um dia os centuriões que chegavam, por ainda desconhecerem a região e menos ainda o que estava além dela, julgaram que o rio era o limite aonde poderiam chegar. Seria ele o mitológico *Lethes*, pelo qual quem passa deixa para trás toda lembrança, toda memória. E se recusavam a prosseguir. E então que o ousado comandante se atira às águas calmas do Lima e o atravessa a nado e, da outra margem, passa a convocar seus soldados, um a um, pelos nomes. Demonstrou, assim, que sua memória estava inteiramente preservada e não se diluíra nas águas límpidas daquele *flumen*. E assim os romanos avançaram e o Império deu novos passos em direção ao Norte.

Pra variar estamos em lugar antigo. Como município a Ponte existe desde cerca do ano mil e cem, por obra e graça de uma certa Dona Teresa de Leão. Está na região do Minho, eis que a fronteira com a Galícia jaz poucos quilômetros mais ao norte. Não é a cidade mais importante da freguesia: Viana do Castelo está logo ali do lado, junto à foz do Lima no Oceano, mas nada posso dizer sobre ela – não estive lá. Aliás, Ponte de Lima nem chega a ser cidade, é apenas uma Vila, mas, quem sabe, isso não chega a ser um problema, talvez seja mesmo a solução, ou um dos fatores que contribuem para o encanto especial deste lugar. Cinco mil habitantes, nada mais, a sensação que temos é a de poder vê-los todos nas ruas, em um simples passeio. Os nomes de lugares em seus arredores, por si só, fazem pura poesia: Paredes do Coura, Ponte da Barca, Peneda Gerês, Arcos de Valdevez, Vila Chã,

Soajo, Entre-Ambos-os-Rios, Labrujo, Britelo, Vila Verde, Cerveira, Arcozelo, Caminha, Lindoso...

Da muralha medieval, milenar, ainda restam duas torres, além de uns pedaços esparsos, aqui e ali. Aqui, a muralha, longe de repelir, atrai...

A ponte por si só já traz uma história completa. Foi durante muitos séculos a passagem segura para se chegar ao Minho e à Espanha. Houve uma primeira ponte construída pelos romanos, da qual ainda resta um pilar na margem direita do rio. A atual, contudo, é produto da arquitetura medieval, havendo, segundo os alfarrábios, poucos exemplos que se rivalizam com ela em beleza e equilíbrio. Ela é passagem obrigatória dos peregrinos que se dirigem a Santiago de Compostela, conforme era no passado remoto e continua sendo até os dias atuais. Vejo também nos livros que as ruas da Ponte de Lima apresentam magníficas fachadas góticas, maneiristas, barrocas, neoclássicas e oitocentistas.

Mas as belezas naturais merecem também um parágrafo. Até a chegada, de quem vem do Sul (de Braga, como foi o nosso caso) a região é marcada por colinas suaves, sem grandes acidentes de relevo. Mas além do rio já se pode ver que a paisagem muda, com algumas serrinhas se dirigindo para o Norte e para o Leste. Aprendemos que nesta última direção fica o maciço de Peneda Gerês, que se estende até a Espanha. E logo logo dá vontade de mudar de rumo e ir por ali, já que Ponte de Lima era programa para um dia apenas. Em seguida pegaríamos o rumo de Santiago de Compostela, cerca de 300 km ao Norte, já em terras de Espanha (Galícia), mas nos pareceu ser de bom senso fazer ali uma parada de dois dias e meio, mesmo à custa de deixar a peregrinação para outro momento, em troca de uma subida às montanhas.

Um derradeiro comentário sobre a culinária local. Meu amigo Cristiano Barbosa já havia me dito que eu não poderia deixar de experimentar uma iguaria local ou regional conhecida como *arroz de sarabulho*. E já na primeira noite decidimos experimentá-la, ou melhor, decidi sozinho, pois devo confessar que me calei perante minha companheira a respeito dos ingredientes do prato: miúdos e sangue de porco...

Para quem quiser se aventurar, uma receita original garimpada na internet é a da Basílica de Santa Luzia, em Viana do Castelo. Vamos a ela:

Cozem-se as carnes em água abundante com a salsa, o casco de cebola, o louro e o sal. À parte, prepara-se um refogado pouco puxado com a cebola picada, o azeite, salsa e louro. Rega-se com um pouco da água em que as carnes cozeram e deixa-se ferver. Quando a calda estiver bem apurada e temperada, introduz-se o

arroz. A calda deve ter cerca de três vezes o volume do arroz. Reserva-se a restante para acrescentar se for necessário. A meio da cozedura do arroz, junta-se o sangue e as carnes, que entretanto se desfiaram (com exceção das da colada). Mexe-se muito bem e deixa-se acabar de cozer. Serve-se o arroz assim que estiver pronto, enfeitado com as carnes da colada cortadas em bocados e algumas carnes desfiadas que se reservaram para o efeito.

Minha companheira, bem mais ajuizada do que eu, declinou do acepipe e jantou arroz branco com ovos fritos e salada. Eu até comi tal *sarabulho*, mas aquela verdadeira bacia de vísceras suínas diversas, com aquele arroz, dito *malandrinho*, ou seja, com o vermelho do sangue de porco bem vivo numa papa quase líquida, seria coisa para os fortes. Mas sobrevivi...

Ponte de Lima merece ainda uma flanada além ponte, com uma caminhada curta, mas inspiradora, na Arcozelo fronteira. Ali, chama atenção o belo e completo Museu Português do Brinquedo e um lindo Jardim Botânico, além da linda igrejainha colonial bem na cabeceira da ponte, de onde talvez tenham se inspirado os construtores de nossa Igreja de Nossa Senhora do Ó, em Sabará. Com um pouco de atenção para as belas chácaras (herdades) e suas vinhas, além de exemplares graciosos de residências antigas. Quem for a Santiago tem aqui uma pousada muito jeitosa, dedicada especificamente a tal clientela.

E vamos em frente.

Do Minho ao Alentejo

O plano, no princípio, era seguir rumo ao Norte, à Galícia e Santiago de Compostela. Mas Ponte de Lima foi mais sedutora, e por ali ficamos. Até porque aquelas montanhas a nordeste nos atraíam. E por elas fomos.

Caminhos tranquilos, que acompanham o curso acima do rio Lima. Natureza exuberante, às vezes até com um toque tropical. Cidades grandes não há, mas é raro andar mais de mil metros sem deparar com um aglomerado de casas. Aldeias, vilas, “lugares”. E tudo tem nome aqui, não é como alguns recantos do Brasil que parecem se chamar “Quebra Molas”, “Borracharia”, ou algo assim. E somos avisados pelas placas rodoviárias do começo e do término de tais paragens. E como elas se sucedem de forma abundante, mais uma vez se confirma o dito de que o problema, em Portugal, é o excesso, não a falta de informação.

Mas vamos ao que interessa.

Ponte de Lima, a linda, tem a poucos quilômetros uma cidade irmã: Ponte da Barca, ambas “upon” Rio Lima. Esta última, menorzinha, mas

quase tão encantadora quanto. Em seu favor conte-se o fato que tem natureza mais exuberante e relevo mais montanhoso. Aqui, pelo visto, a ponte foi substituída pela barca. Mas o rio, pelo menos no momento em que passávamos por ele, seria facilmente vadeável. Seguindo em frente vai-se por aclives suaves escalando o maciço de Peneda Gerés. “Maciço” aqui, claro, é uma concessão, pois seus pontos extremos não passam de setecentos metros sobre o nível do mar. Mas estamos em Portugal e para os padrões locais é o bastante. Na Serra da Estrela, mais adiante, beiraremos os dois mil metros.

E segue a estrada, esta do bom e velho tipo vicinal, galgando suavemente as encostas, no meio de matas e sem quase nunca impedir de que se vislumbre o rio Lima, sempre muito cristalino-esverdeado e também domado à exaustão por uma série de barragens, às margens das quais não faltam áreas para camping e “refúgios de merendas”.

Uma parada em um desses refúgios, à beira da estrada, sob o céu baixo e úmido, mas com tempo fresco, nos facultava mais uma merenda abastecida a pão, presunto cru, queijo de ovelha e bom (ótimo, aliás) vinho nacional.

E assim chegamos a Lindoso, já à beira de Espanha. Isso aqui parece saído de um conto medieval. Casinhas de pedra; ruas que mal dão passagem a uma mula; pequenas janelas, quase sempre fechadas; pessoas furtivas. O marco distintivo são as “espigueiras” (lusamente: “spigairas”), pequenas construções de pedra utilizadas para a guarda das colheitas de grãos, a salvo de roedores. À primeira vista (vejam a foto acima) mais se parecem a sepulturas, mas nelas quem manda é a vida, não a morte. E como pedra aqui é material abundante, da mesma forma que a disposição humana de talhá-la, causa forte impressão a verdadeira “mó” que cada uma dessas construções rústicas apresenta encimando seus pilares, no caso, para evitar a entrada de ratos. Mas cada uma dessas rodas de pedra deve pesar no mínimo uns duzentos kg. Impressionante!

E vamos em frente, serra acima. Próxima parada: Soajo, outra aldeia de pedra. Esta, ao contrário de Lindoso, que é aberta ao mundo, se cerca dentro de um círculo de pedra (aqui, a cobiça castelhana deve ter falado mais alto). Uma igreja no centro de tudo. As espigueiras continuam presentes. Lugar pitoresco, quase tanto como a aldeia vizinha. O que anotei de especial por aqui foi a menção de que é o lugar de origem dos sabujos, raça de cães de pastoreio tipicamente portuguesa. Aliás, vimos dois exemplares de tais cães atrás de um portão. Não foram muito amistosos, mas mesmo assim nos pareceram simpáticos.

O giro por Peneda Gerés continua por um caminho diverso para a volta, este passando por Arcos de Valdevez e um sem número de pequenos

lugares, sempre acolhedores, com suas casinhas brancas, jardins e pequenos pomares nos quintais. Não há muito o que dizer sobre tal trajeto, mas uma única parada talvez possa traduzir o sentimento que tivemos ao passar por ali. São Jorge (ou Capela de São Jorge) é o nome do lugar, composto por uma igrejinha, meia dúzia de casas e uma venda. E como era sábado à tarde, havia pessoas na rua, até que abundantes, para os padrões que tínhamos visto até agora. Contemplando a igreja (antiga, sem ser uma antiguidade), fomos convidados a entrar por uma gentil senhorinha, que era zeladora do prédio, além de professora em Valdevez. Ali se ensaiava cânticos para festa religiosa próxima, com um grupo de jovens exercitando voz e instrumentos, inclusive um pequeno órgão elétrico. Eram jovens, estavam vestidos como jovens e se comportavam como tal. Mas não deixaram de nos causar a boa impressão de levarem profundamente a sério o que estavam fazendo. E isso nos pareceu constituir mais uma marca registrada de Portugal.

E agora, vamos para o Sul, cortando em linha transversa o país, à semelhança daquela faixa que os presidentes e as misses carregam consigo. Ou a camisa do Vasco da Gama, no Brasil.

Agora se trata de ganhar tempo e não haverá muito a dizer sobre tantas paragens que deixaremos de olhar de perto. Entre tais omissões que se registre, por exemplo, Vila Real, já quase às margens do Douro, cidade importante, famosa pelo vinho. Mas ficou para outra vez.

Logo nas imediações, ainda na região ao Norte do Douro, passamos pela simpática Vila Verde, onde, em pleno Domingo, uma feira de “velharias”, que é como os portugueses chamam as antiguidades, nos chamou atenção. E o que era para ser apenas uma passagem rápida se transformou em parada, que só interrompemos com dor no coração. Eis que as tais velharias nos cativaram.

A passagem do Douro, que já havíamos feito próximo a Lamego voltou a nos encantar. Mas agora o fizemos por uma larga e longa ponte, parte da auto-estrada, que praticamente unia os planaltos dos dois lados das margens, sem descer à beira rio.

Em frente, na direção do sudeste, as cidades se repetiam, com seus nomes sempre cativantes ou intrigantes: Tarouca, Moimenta da Beira, Freixinho, Semanchele, Sequeiros, Trancoso. Nesta última, paramos, já sabendo que não iríamos encontrar absolutamente nada que fizesse lembrar sua homônima brasileira.

Trancoso é lugar de história antiga, como tudo por aqui. Cidade amuralhada, cercada por uma periferia moderna e de classe média e alta, pelo padrão dos apartamentos que se vê. Mas o que interessa é o que está dentro das muralhas, vamos entrar. Ruas estreitas, igrejas,

janelas fechadas, ruínas, uma praça bem arborizada e acolhedora. Pouco movimento nas ruas e praças. Pequena vila, recém elevada a cidade em 2004. Aqui aprendemos que foi um centro judaico de importância em séculos passados. O grupo de turistas de Israel, alguns vestidos da maneira típica ortodoxa, logo confirma isso. As ruas dos judeus são conhecidas até hoje como “a Judiaria” (assim como há “a Mouraria em outras cidades, Lisboa, por exemplo). E as casas antigas dos judeus possuem uma característica interessante, qual seja a de possuírem duas portas, uma estreita, para entrada da família, outra larga, para as atividades comerciais e financeiras ali exercidas. Não chegamos a saber o que mais movimentaria a cidade, a não ser o turismo. Na partida, errando ligeiramente o acesso à estrada principal, tivemos que aguardar a travessia de um rebanho de ovelhas, tocadas por um folclórico pastor. Quem sabe é também disso que se vive ali?

Entretanto, para os leitores curiosos, vamos ver o que diz a wiki... Trancoso possui numerosos monumentos, de esfera civil, religiosa ou militar, podendo mesmo ser considerada um expressivo centro histórico do país. Vejo também que ali nasceram “o profeta e sapateiro Antonio Gonçalves Annes e o Padre Francisco Costa”, mas, sinceramente, devo confessar minha ignorância a respeito da importância desses homens ilustres... Consta ainda que, na antiguidade, a antiga vila fazia parte de um conjunto de fortalezas situadas junto da fronteira com Espanha e que algumas das principais estradas romanas cortavam a região. A cidade já existia e tinha sua importância, portanto, mesmo antes de formar-se Portugal. Camões, em *Os Lusíadas* lembrou-se dela num verso: *Já na cidade Beja vai tomar, vingança de Trancoso destruída...* Não muito longe da cidade, encontra-se um importante sítio arqueológico, erigido a Patrimônio da Humanidade, com exemplares importantes de arte rupestre: o Vale do Coa, que não chegamos a conhecer.

Já estamos no Distrito da Guarda e sua cidade-sede é nosso próximo destino.

E logo vemos, ao Sul, a sombra cinza-azulada de uma grande cadeia de montanhas, não apenas para os padrões portugueses como de modo geral: a Serra da Estrela. Ao terminar sua escalada em mais uma vez magnífica autopista, se nos apresenta, ao cair de uma tarde luminosa, a cidade da Guarda.

Guarda é uma cidade inteiramente posta em longo plano inclinado. Não há aqui um simples metro linear ou quadrado totalmente nivelado com a superfície da terra, ao que parece. Boa cidade, movimentada, com prédios modernos em toda parte, alguns de vários andares. Afinal, trata-se de uma capital regional, que deve ter algumas dezenas de milhares de habitantes. Não chegamos a ver monumentos arquitetônicos muito marcantes, salvo a indefectível fortaleza no alto da

colina. Sempre os espanhóis ameaçadores, aqui eles estão a pouco mais de 50 km...

Os alfarrábios nos informam que esta cidade tem, em seus arredores, Pinhel, Sabugal, Almeida, Belonte, Covilhã, Gouveias, Celorico da Beira, Manteigas (é pra lá que vamos em seguida), além de outros nomes mais uma vez curiosos. Acima e além de tudo, estamos na mui afamada Serra da Estrela, terra de queijos, de ovelhas, de picos nevados até. Altitude de mil e pouquinhos metros, o que para nós, viventes em Brasília, seria bem normal, mas para os padrões de Portugal é coisa alta de fato. Aliás, isso faz da Guarda a cidade mais alta do país.

Chique mesmo, aqui, é o fato de se dispor de serviço ferroviário, a Linha da Beira Alta, totalmente eletrificada, chegando mesmo a ser o principal eixo ferroviário para o transporte de passageiros e mercadorias para o centro da Europa, com ligações à França e Espanha, via Salamanca, Valladolid e Burgos. Isso é de matar de inveja um brasileiro...

Curiosidade: Guarda é conhecida como a cidade dos Cinco “F”. Na versão mais suave e favorável eles significariam: *Forte, Farta, Fria, Fiel e Formosa*. Mas como toda obra humana está longe de ser consensual e harmônica em toda parte, há quem tivesse achado por bem assim renomeá-los: *Feia, Farta, Fria, Fidalga, Falsa...*

E vamos a Manteigas, desta vez sem recorrer a informações enciclopédicas ou de alguma forma livrescas. No caminho, trajeto de no máximo 40 km, passa-se por um tosco lugarejo de nome Famalicão (existem outros em Portugal com tal nome estranho), que só mereceu visita, mesmo assim rápida, pela sonoridade curiosa que nos traz sua denominação. Lugar feio, cinzento, pobrezinho e alocado numa pirambeira, que logo nos convida a dar meia volta e seguir em frente, para a já mencionada cidade de Manteigas.

Mas que se registre, no caminho, a presença esfuziante dos enormes cataventos das usinas eólicas, que formam filas nos espigões, em toda parte. Ficamos curiosos em tentar descobrir por onde correm os fios que conduzem a energia que geram, ou deveriam gerar, já que não é possível enxergá-los. Não nos é possível crer que aqui também se fazem usinas estéreis em termos de geração de eletricidade, como no Brasil. Aqui, por suposto, o país é sério.

Manteigas, que alcançamos após descer em um belo vale e subir por uma encosta aprazível, lembra as cidades do circuito das águas de Minas. Bem localizada, com seu entorno de montanhas e matas, com boas construções incrustadas nas colinas, ruas estreitas e curvilíneas, belos jardins domiciliares, ar friozinho e agradável de montanha. Um bom lugar, com atrativos apenas medianos, salvo os naturais, este sim, excepcionais.

Que fique registrado, com todo destaque, o grande acontecimento que usufruímos em Manteigas, o de termos experimentado, pela primeira vez nesta viagem, o famosíssimo Queijo da Serra da Estrela. Alguns adjetivos para ele: macio, suave, cremoso, gordo, cheiroso e, principalmente saboroso. Deixado no prato, mesmo em temperatura amena, ele logo que achata e se amolda à superfície continente. Só quem aprecia queijos, como é o nosso caso, pode avaliar corretamente uma maravilha assim. Já ouvi dizer que o nosso Queijo de Minas tem como antepassado o da Estrela. Pode ser... Mas prefiro considerá-los à parte, cada qual, cada qual... São iguarias reais, melhor não compará-las, para não ser injusto de um lado ou de outro. Até porque aqui a matéria prima é o leite de ovelhas; em Minas, o de vaca. Não voltamos a repetir a experiência. Assim, para nós, Queijo da Estrela só mesmo in loco.

Ver Manteigas é como aplicar a dita cuja no pão: uma breve passada é o bastante. Mas seus arredores merecem algo mais. Orientados mais pela nossa intuição do que propriamente pelo Guia de Portugal que levávamos, tomamos um caminho de saída da cidade pra ver onde ia dar. E tivemos sucesso, por termos conhecido uma zona de florestas temperadas, com muitos pinheiros, mas ao mesmo tempo diversidade natural apreciável. A estradinha subia sempre, mas em nenhum momento nosso Peugeot, tão jovem que era, reclamou. Aqui e ali pontos de “merenda” e mirantes, nos quais uma paradinha sempre foi recompensada pela bela vista dos contrafortes do entorno da Serra da Estrela. Em lugar onde uma rápida e cristalina torrente cortava a estradinha, resolvemos parar e apreciar a paisagem, além de nos dedicarmos ao tradicional lanche de pão, queijo, presunto e vinho.

A natureza em Manteigas me trouxe a lembrança do capítulo inicial de “Confesso que escrevi”, em que Pablo Neruda nos apresenta o cenário de sua infância e juventude, em Temuco, no Chile, justamente um bosque temperado como aquele por onde agora passávamos.

Por um ângulo mais prosaico, o passeio na floresta em Manteigas me trouxe também à mente o dilema dos famosos “núcleos rurais” de Brasília, entre eles o do Urubu, onde mora Carmen. Em Manteigas pudemos ver que a natureza, embora percorrida por múltiplas pequenas estradas e tendo mesmo casas de moradores esparsas aqui e ali, continuava ali, viva, pujante e respeitada. Já no DF, entra década, sai década, os tais núcleos continuam sem uma definição legal quanto a seu destino urbano ou rural, o que faz de seus moradores joguetes (às vezes cúmplices ou algozes também) do panorama de indefinição geral, nem sempre rejeitada, diga-se de passagem. E assim, não chegam estradas, não se oferecem serviços urbanos, não se confere cidadania, de fato. Mas se cobra IPTU... Entre os que talvez se alegrem com o

estado de indefinição eterna, estão os especuladores e os invasores de terras, que se alimentam de um maná chamado “fato consumado”.

Moral da história: o *modus operandi* fundiário que vimos em Manteigas mostra que é possível, sim, regular a presença humana no seio da natureza, com rigor e respeito a direitos. Aliás, isso se vê também em Nova Friburgo, por exemplo, aqui no Brasil mesmo, onde temos ido com alguma frequência. Em suma, a convivência entre pessoas e natureza pode se fazer sem drama, sem protelação ou omissão dos governos, sem pilantragens privadas de toda natureza, inclusive daqueles que invadem terras públicas e se fazem de inocentes e proclamam “direitos” altamente questionáveis.

Ninguém vai a Portugal para ver neve, certo? Isso se resolve nos países mais ao Norte, quem sabe no Canadá, para os mais radicais. Mas em Portugal neva, acreditem! E seu epicentro é a Serra da Estrela. Não chegamos a vê-la em plenitude, apenas vimos depósitos da mesma convertidos em gelo nos pontos mais altos da estrada que tomamos a partir de Manteigas, seguindo na direção de Seia e Sabugueiro, tendo no caminho o pico mais alto da cadeia.

Neste pico mais alto, dito “da Estrela”, uma curiosidade. Sua altitude chega aos mil novecentos e tantos metros, por pouco alcançando os dois mil. Foi assim que um dom João da História Portuguesa mandou construir uma torre, na qual finalmente se alcançou a ambicionada altitude, duas vezes quilométrica. E como “Torre” ficou denominado o local, com belíssima vista em trezentos e sessenta graus e instalações de esqui em seu entorno. O pedregal que faz parte da Serra, todo de granito cinzento é um espetáculo à parte, com variadas formas e colorações. Aqui e ali, monumentos religiosos cavados na rocha. Mas cuidado com os frigidíssimos ventos que batem nessas paragens...

As estradinhas da Serra também merecem duas palavras. É uma aventura deliciosa trafegar por elas, eis que vão subindo as encostas degrau após degrau. E se vê por ali, também, obras portentosas de engenharia, feitas aparentemente para conter o degelo e garantir fornecimento de água para as cidades das encostas.

No rumo do Alentejo, passamos por Covilhã. Impressão, de passagem: cidade elegante, em plano inclinado, muito arborizada, moderna (pelo menos é vista assim de dentro do carro). Consta que é sede de indústria têxtil importante, donde os versos imortalizados por Amália

Rodrigues: *Covilhã cidade neve / Fiandeira alegre e contente / És o gesto que descreve / O passado heróico e valente / .../ Covilhã és linda terra / És qual roca bailando ao vento / Em ti aura quando neva / Covilhã tu és novo tempo.*

Em matéria de nomes intrigantes os arredores de Covilhã são pródigos: Canhoso, Teixoso, Sarzedo, Cantar-Galo, Boidobra, Tortosendo, Pampilhosa, Arganil. Chega, né?

Agora rumo ao Tejo e além dele.

Vamos por uma região de planaltos, uma montanha aqui outra ali, sem grandes destaques em matéria de relevo. Cidades de certa importância, como Castelo Branco e Portalegre passarão ao largo. Ansiamos por logo atravessar o Tejo, mas a passagem do mesmo, de certa forma, é decepcionante, já que ele, além de não ser muito largo, está contido por uma represa. A estrada faz uma descida sinuosa, porém curta, e do Aquém passamos rapidamente ao Além-Tejo.

A primeira marca da nova etapa são os sobreiros. Quando os vimos pela primeira vez, achamos que eram árvores sem maior apelo. Mas logo percebemos as placas de numeração (contendo provavelmente as datas de extração da cortiça) e os segmentos mais claros de troncos, já devidamente descascados. Nobres árvores, que terão um repouso merecido – se é que já não o têm – com as novas tecnologias sintéticas de sucedâneos das rolhas, para não falar das tampas rosqueáveis.

Além de sobreiros começam a ser vistas, agora em maior número, muitas videiras e oliveiras, em regime agroindustrial. E a vontade de que a noite chegue para se saborear um bom vinho alentejano vai crescendo nos viajantes.

Duas amostras do Além-Tejo: Estremoz e Evoramonte. A primeira é uma cidade pequena, mas bem movimentada, provavelmente pela sua vocação vinhateira, com belos monumentos em pedra branca. De longe se vê o sol refulgindo nas torres de igrejas, muralhas e outras construções, mesmo mais modernas. O Guia escrito que nos acompanha nos explica que aqui abunda o mármore branco, que faz parte mesmo do calçamento das ruas.

Evoramonte é uma aldeia muito pequena. Sua grande atração é um castelo, para falar a verdade, o mais estranho e desproporcional que vimos no trajeto. Ergue-se como uma estrutura sólida e atarracada, formado por quatro torres que praticamente se erguem juntas, com as paredes de cor cinzenta suja. Pertenceu ao clã dos Bragança e o Guia nos informou que sua principal característica arquitetônica é dada pelas paredes revestidas de “betão”. Betão? O que seria isso? Para viajar em Portugal é bom ter em mãos, algumas vezes, um bom dicionário de português... Mas a dúvida desaparece logo quando nos lembramos de “betoneira”. Ou seja, “betão” aqui é o que chamamos de “concreto” no Brasil. Apreciada a tal excentricidade dos Bragança, é hora de seguir adiante.

Além da topografia mais plana e das plantações de sobreiros, oliveiras e videiras, o Além-Tejo nos oferece outra característica marcante, esta de produção diretamente humana. Com efeito, as construções daqui têm, na maioria das vezes, paredes brancas com barrados e cantoneiras pintadas de outra cor, tipicamente o amarelo ocre, ocasionalmente o azul-celeste. Isso dá muita harmonia e poesia à paisagem. Há aldeias, como a de Evoramonte, por exemplo, em que todas as casas, sem exceção (ou com a única exceção do monstrengo bragantino...), são pintadas de branco e no tal amarelo ocre. E sempre se sobressaem das residências chaminés de base retangular e bem largas, não saberia dizer se derivadas de fogões de lenha ou de lareiras, se bem que aqui é considerada uma região de clima mais quente em Portugal.

Mais adiante, ainda com dia claro, uma rotatória na rodovia nos lançou dúvidas na mente. À frente, Évora; do lado esquerdo, Castelo de Vide; à direita um *lugar* chamado Flor da Rosa, que ainda não tinha entrado na história. Como era cedo e Évora poderia aguardar o dia seguinte, resolvemos explorar o lado direito.

A rodovia singela, rodeada de sobreiros, já nos anunciou surpresas quando vimos a placas indicativas características dos monumentos megalíticos, que são frequentes em Portugal, em variada tipologia (cromeleques, dolmens, menires e outros). Estavam em propriedades cercadas e não chegamos a visitá-los, embora fosse possível apreciá-los à distância. Mas o melhor estava por vir. Ao longe, então, vimos uma estrutura robusta e sólida, de contorno arredondado, que me pareceu, à primeira (e equivocada) visão um daqueles silos agrícolas comuns em Goiás nos arredores do DF. Mas qual! Quando chegamos perto, constatamos maravilhados que o Castelo dos Bragança já merecia ser esquecido, pois estávamos diante de novo castelo (ou mosteiro) dos mais graciosos que vimos.

O nome do lugar é Flor da Rosa, pertencente à cidade (“Concelho”) de Crato, que fica logo adiante. E cumpre procurar nos alfarrábios. O Mosteiro de Santa Maria de Flor da Rosa, também referido como Mosteiro da Ordem do Hospital (ou Ordem de Malta) de Flor da Rosa é considerado o exemplo mais distinto de monastério fortificado da Península Ibérica e foi construído cerca de 1356. Suas funções, hoje, são mais profanas e pacíficas, sendo sede de uma das espetaculares unidades das Pousadas de Portugal. Coisa de quinhentos Euros a diária, mas a visita é gratuita – e vale a pena. Vejam a foto na abertura deste post!

Seguindo em frente, ou melhor, tomando o lado esquerdo da rodovia, que vai dar na Espanha, agora de acordo com o programado, nosso destino é Marvão, uma das aldeias históricas e tradicionais de Portugal, outrora berço de camponeses e pastores tipicamente lusitanos, mas recente território do negócio turístico. Mas as recomendações eram boas

e para lá seguimos. No caminho uma surpresa, não prevista nos nossos roteiros: em uma colina à esquerda da via surge uma bela cidade, galgando o morro e encimada por um castelo, com um aglomerado de casas e sobrados alvos como a neve. Era Castelo de Vide e achamos de bom alvitre conhecê-la melhor, na volta de Marvão, quem sabe um bom pouso para se dormir e jantar.

Marvão é uma aldeia antiga, num alto de montanha, a Serra de São Mamede, que não rivaliza com a da Estrela, mas de toda forma compõe uma das poucas cadeias montanhosas de Portugal. Ela hoje está quase abandonada por seus moradores originais, gente do campo, e os negócios ligados ao turismo é que dão o tom da vida no lugar. Lugar pra lá de gracioso e pitoresco. Imaginem duas ou três ruas estreitas, no espigão da montanha, com travessas ligando umas às outras. Casas e pequenos sobrados ajuntados, mais uma vez branquinhos, da mesma forma que a muralha, também branca caiada. Não faltam os já citados detalhes amarelos ou azuis. Ao longe se vê uma cidade espanhola de cujo nome não me recordo. A muralha, então, se explica – o perigo castelhano estava bem perto...

Em Marvão conhecemos personagem diretamente saída de uma fábula medieval, daquelas em que as bruxas pontificam. Era a dona de uma pequena loja de artesanato para turistas, portuguesa, ao contrário do habitual no país, em que tal comércio é dominado por indianos e chineses. Seu negócio era, sem dúvida, um artesanato mais sofisticado do que os Xing-ling, diga-se de passagem. Uma figura, a tal mulher: baixinha, magra, rosto encovado, olheiras profundas e uma vastíssima cabeleira encaracolada e quase branca que lhe ornava o crânio com uma circunferência de quase meio metro de diâmetro. Uma Maria Betânia miúda. Seu olhar furava paredes... Mas era do bem a tal bruxinha; permitiu mesmo que Carmen fotografasse algumas das peças à venda, embora nos alertasse que isso normalmente não era facultado aos visitantes, já que as bijuterias expostas eram criações originais suas.

A visita a Marvão incluiu breve passada na Pousada de Portugal ali instalada, luxuosíssima, antiqüíssima, caríssima. Ótimo lugar para uma lua de mel de cônjuges abonados. Mas os quinhentos euros (ou mais) que nos custariam ficar ali nos reforçaram a ideia de que o melhor seria ir pernoitar em Castelo de Vide, a bem poucos quilômetros de distância.

Castelo de Vide, assim como Flor da Rosa, são bons exemplos de que, às vezes, o que não está programado é o que mais nos surpreende. Com efeito, mal havíamos prestado atenção em sua indicação nos mapas, nos quais ela comparecia apenas como ponto de passagem para se chegar a Marvão, esta sim cheia de referências. Vide, seu nome íntimo, é mais uma cidade portuguesa branca, limpa, inclinada e encimada por

uma fortaleza. Até aí sem novidades, como se vê. Mas valeu bem o passeio que fizemos por suas ruas estreitas e, principalmente, a intrusão em sua muralha no alto da colina, que para surpresa nossa abrigava, não ruínas ou monumentos históricos, mas um pedaço adicional da própria cidade. Aqui, ruas mais estreitas ainda e casas mais baixas. A grande surpresa foi o costume local de jardinagem personalizada em cada uma dessas ruas, com um concurso anual de escolha da mais bela rua-jardim. E nas esquinas principais se vêem placas registrando que aquela viela ganhou os concursos de anos tais e tais. Belo costume, não? E aparentemente sem dinheiro público na jogada. O que importa de fato para os moradores está em plano simbólico, apenas. Mais uma diferença cultural marcante com o Brasil, este filho grande e meio bobo que Portugal produziu Além-Mar...

Andar pelas muralhas de Vide, ao por do sol, foi um espetáculo à parte, igualmente não programado, mas muito bem fruído. Dalí, a vista alcança longas distâncias, sempre na planície alentejana. Faltou um vinho ali, para brindarmos um momento tão especial de nossa viagem, mas sem problemas, deixamos para logo mais. E assim uma bela noite se cumpriu. Como a cidade é um tanto pacata e nós já saímos do hotel para procurar um restaurante passado das nove horas, custamos um pouco a achá-lo. E para desgosto inicial nosso, o único estabelecimento disponível abrigava um jantar festivo e um tanto ruidoso, que em seguida descobrimos reunir a própria família do proprietário. Mas, mesmo assim, estavam funcionando. Enquanto decidíamos nossos pedidos, já lubrificados pelo vinho da casa, que desta vez pedimos em jarra de litro, nos veio até a mesa o próprio dono, que se apartou dos familiares na mesa adiante para nos receber e fazer as recomendações de praxe sobre os pratos da casa. Foi mais um caso de empatia à primeira vista, aliás, coisa frequente para nós em Portugal. O sujeito gostava de brasileiros ou, pelo menos, gostou de nós. Era o presidente da Câmara local, ou seja, bem o que chamamos no Brasil de Prefeito Municipal. Os pratos indicados foram um tanto carregados no volume e nos temperos, para aquela hora da noite, pelo menos. Para rebater, mais um litro do bom vinho doméstico. Na despedida, o presidente mandou descer sua melhor aguardente vínica para um brinde conosco. O final da noite foi o previsível. Já não sabíamos se o hotel estava à direita, em frente ou à esquerda. Não tínhamos como certo nem mesmo a cidade onde viéramos parar. Mas a ressaca foi bem rebatida com o café da manhã, antes de seguirmos rumo a Évora.

Évora, outra cidade amuralhada. Mas esta das maiores do que as que vimos até agora, rivalizando, talvez, com Guimarães e Braga. Suas muralhas são brancas e amarelas, bem como boa parte dos edifícios lá dentro. Cidade antiga, seus primórdios remontam a antes de Cristo. Foi possessão, romana, visigótica e moura, até se tornar totalmente lusa cerca do ano 1100. Ela hoje é a capital de um distrito, dito de Évora,

com população de 50 mil habitantes. Faz parte de uma rede europeia de cidades antigas. No capítulo dos nomes curiosos ela é quase imbatível, pois em seus arredores estão Arraiolos, Estremoz, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Montemor-o-novo, São Manços, além de outras preciosidades linguísticas.

A passada em Évora foi curta, apenas uma tarde-noite e parte de uma manhã. Tal cidade, certamente, merecia mais. O centro histórico é bem movimentado, com muitas igrejas, prédios antigos, hotéis e um espetacular templo romano, muito bem preservado. A visita (rápida) a uma biblioteca pública revelou tesouros arquitetônicos e culturais, além de muita organização e um público numeroso, jovem e diletante presente em suas bancadas. Na ida para lá, uma curiosa rua abrigada na lateral de um antigo aqueduto, em cujas arcadas “cresceram” moradias, simples certamente um dia, mas hoje até sofisticadas e, com certeza, muito valorizadas por terem tal cobertura nobre. Uma rua central, com calçadas sob arcos, mostrou uma face particularmente elegante de Évora. Ali, uma loja de chapéus me provocou o consumismo para tal item – e eu já saí de lá com a cabeça coberta. No mosteiro franciscano, uma das atrações máximas da velha Évora, a capela forrada de ossos humanos, de todos os formatos, calibre e procedências. Dizem que é para evocar a falibilidade humana. O ar frio e úmido no interior meio obscuro só contribui para o clima macabro. Ufa! É ver e partir.

O nome Reguengos-de-Monsaraz por si só nos provocou o desejo de ir até lá. Depois, graças ao porteiro de nosso hotel, que ali havia nascido, ficamos sabendo também dos bons vinhos produzidos na localidade. A descrição do Guia falava em mais uma daquelas aldeias antigas, brancas e amuralhadas. Já de partida para Lisboa, para encerrar a viagem, resolvermos dar uma chegada lá. Tomamos informação com o simpático reguenguense e lá fomos. Ou melhor, tentamos fazê-lo. Foram três ou quatro tentativas inteiramente frustradas, que nos levaram de volta ao mesmo lugar, ainda dentro de Évora ou, na melhor das hipóteses, a trafegar, segundo nos indicava a posição do sol, rumo ao Norte, quando a viagem deveria ter a direção do Sudeste. Quando finalmente julgamos estar acertando o caminho, vimos a placa de *Montemor-o-novo*, anunciada a uma dúzia de quilômetros. Mas aí já estávamos, sem perceber, na estrada para Lisboa e resolvemos deixar o périplo a esta localidade de nome tão simpático e intrigante para outra ocasião.

Viajar pelo Alentejo, particularmente no rumo de Lisboa, é na verdade, um pouco monótono. A vantagem é que as distâncias são bem curtas, pouco menos de 140 km, no caso. Mas para tudo cabe um *olhar*... Aqui há que se apreciar a paisagem de sobreiros, de pinheiros e de videiras, sempre plana, até que a vista se perca no horizonte. Entramos em

Montemor-o-novo só para ver o já visto, ou seja, outra cidade amuralhada, só que aqui, mal conservada. Digno de nota no caminho, por se constituir mais uma inesperada e agradável surpresa foi a vila de Vendas Novas, talvez uma daquelas Abadiânicas da vida, lugar onde se para apenas para fazer xixi... Mas como urgia, além de urinar, comer alguma coisa – e tínhamos a ração de vinho, queijo, chouriço e pão para encerrar condignamente nossas merendas – resolvemos entrar na área urbana, já que nas estradas portuguesas quase não há lugar para paradas. E ali dentro da modesta e despretensiosa cidade não é que encontramos um parque super agradável? Ali armamos nosso pano de piquenique, fizemos o que era preciso fazer, agora com sabor de despedida e ainda tiramos uma pestana no gramado limpo e bem cuidado do parque. Ah, sim: o xixi foi devidamente executado no pequeno boteco ao lado, com o detalhe das paredes cobertas de cartazes de touradas e rodeios. Mais Portugal-profundo, impossível.

Esqueci de dizer que nesta rota presente, viajamos pela estrada vicinal pequena. Não tanto por tê-la procurado intencionalmente, mas devido à confusa e mal sucedida procura de Reguengos de Monsaraz, que acabou nos trazendo, independente de nossa vontade, até ela. Para chegar a Lisboa, a intenção era adentrar a capital pela magnífica ponte Vasco da Gama, uma das maiores do mundo, que atravessa o Tejo à jusante de Lisboa, com 13 ou 15 km de comprimento. Isso nos remeteria a passar pela região de Moscavide, onde estão o Oceanário, as Torres Vasco da Gama, o Pavilhão Atlântico, marcos de uma arquitetura moderna e pujante portuguesa, além de ser uma região aprazível, beira Tejo, repleta de jardins e prédios interessantes. Logo percebemos, entretanto, que pela tal estradinha iríamos dar em outro lugar, sem acesso à autopista que conduz a tal passagem sobre grande rio. O resultado é que fizemos uma larga volta, 50 km ou mais, que só nos permitiu atravessar o Tejo em um ponto situado acima, Vila Nova de Xira, se não me engano. Pelo menos pudemos apreciar uma região quase deserta, embora muito próxima a Lisboa, dominada por pinheiros selvagens e pouquíssimas obras humanas. Tudo vale a pena, se a alma não é pequena...

Atravessado finalmente o Tejo, os mapas dessa vez nos ajudaram, de forma que fomos realizar um sonho de consumo mais a Oeste, em Loures, onde uma gloriosa loja *Ikea* nos esperava.

Comentário final: entramos em Lisboa lá pelas 19 horas, momento em que as vias de acesso e saída das grandes cidades aqui no Brasil ficam coalhadas de veículos, com seus motoristas estressados, além de poluição e buzinações. Aqui, não. Tudo tranqüilo, padrão “domingo de manhã” em termos brasílicos. Os *comboios* passando rápidos, muitas vezes rente à estrada principal, nos esclareciam a razão de tanta calma.

De volta a Olisipo. Hotel, saída para jantar, cama e aeroporto. Quem quiser que conte outra...

*** FIM***